

Homilética em libras: possibilidades de uma homilética cristã para pessoas surdas na contemporaneidade

Homiletics in pounds: possibilities of a christian homiletics for deaf people in the contemporary

José Jacinto de Ribamar Mendes Filho

Mestre em Teologia pela Faculdades EST em São Leopoldo/RS, Brasil. Graduado em Teologia pela Faculdade Boas Novas, Manaus-AM. Professor de História Judaica e Hebraico na Faculdade FACETEN, Boa Vista-RR. Contato: jose.ribamar@faceten.edu.br

Elivaldo Serrão Custódio

Pós-doutorando em Educação pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutor em Teologia pela Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Pedagogo, matemático, teólogo. Docente da Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED). Atualmente é coordenador e professor do Curso de Pedagogia da Faculdade Madre Tereza em Santana-AP/Brasil. Contato: elivaldo.pa@hotmail.com

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de apontar possibilidades de uma homilética cristã na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para pessoas surdas no contexto contemporâneo, tendo como pressuposto fundamental o conceito de inclusão de pessoas surdas na esfera cristã. O entendimento da homilética cristã considera inescusável uma releitura sobre: o que é homilética cristã? A partir de um olhar crítico dos elementos comunicacionais e seus avanços, consideramos importante tratarmos da influência desses elementos dentro da comunidade cristã, de modo que, possamos nos perguntar, qual o grau de interferência das mídias na pregação cristã? Sendo assim, apresentamos os ruídos que impedem a mensagem cristã de ser persuasiva para o surdo num ambiente de culto. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, com tratamento qualitativo dos dados. O estudo indicou que as mídias se tornam desafiadoras para quem proclama a Palavra de Deus, bem como a necessidade de uma homilética cristã em LIBRAS para pessoas surdas na esfera contemporânea de culto cristão.

Palavras-chave: Homilética. Inserção. Integração. Exclusão. Libras.

Abstract:

This article aims to point out possibilities of a Christian homiletics in the Brazilian Sign Language (Libras) for deaf people in the contemporary context, with the fundamental premise the concept of inclusion of deaf people in the Christian sphere. The understanding of Christian homiletics inexcusable considers a reinterpretation of: what is homiletics Christian? From a critical view of the communication elements and their advances, we consider important to treat the influence of these elements within the Christian community, so that we may ask, what is the degree of interference of the media in the Christian preaching? Thus, we present the noises that prevent the Christian message to be persuasive to the world in the context of the twenty-first century. This is a bibliographical and documentary research, with qualitative data processing. The study indicated that the media may become a challenge for those who proclaim the Word of God and the need for a Christian homiletics in POUNDS for deaf people in the contemporary sphere.

Keywords: Homiletics. Insertion. Integration. Exclusion. Pounds.

Introdução

Este estudo tem como principal objetivo apresentar uma homilética cristã na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como possibilidade vislumbrada pelos surdos, a qual contribuirá na contemporaneidade, no culto cristão, para servir de instrumento referencial para a pessoa surda. Também poderá conscientizar os ouvintes da criação da mesma.

Para Nelson Kirst, Homilética “é a ciência que se ocupa com a pregação cristã e, de modo particular, com a prédica proferida no culto, no seio da comunidade reunida”.¹ Luiz Carlos Ramos também expressa que Homilética é arte,² ou seja, é arte no sentido de refletir o passado, interpretar o presente, e proclamar a esperança para o futuro, pois, quando o homileta se preocupa em manter a história em memória, está ele mantendo as boas tradições. E isto se consegue, a partir da Bíblia, interpretando os textos e aplica-os à comunidade de forma a utilizar o melhor dos expedientes, para que a prédica chegue aos ouvidos e aos corações com mais eficácia³.

Certamente o pregador ou a pregadora, verá que no meio da comunidade existirão pessoas muito especiais, e que terão dificuldades em recepcionar a mensagem de Cristo em seus corações (pessoas surdas).⁴ Neste caso, o pregador ou a pregadora, deverá adaptar-se juntamente com o surdo e toda a comunidade, na preparação e pregação de um sermão em LIBRAS, na tentativa de facilitar a inclusão de surdos e surdas na comunidade cristã.⁵

Com o propósito de contribuir com a homilética em Libras, este texto tem como objetivo apontar possibilidades de uma homilética cristã na Língua Brasileira de Sinais para pessoas surdas no contexto contemporâneo, tendo como pressuposto fundamental o conceito de inclusão de pessoas surdas na esfera cristã. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, com tratamento qualitativo dos dados.

¹ KIRST, Nelson. *Rudimentos da Homilética*. 6. ed. revisada. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 7.

² RAMOS, Luiz Carlos. *A pregação na idade média: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2012. p. 25.

³ Sobre isto, o autor vai dizer que o pregador deverá expor uma mensagem da Bíblia. E ele, o pregador, segundo Caemmerer, vai usar vários expedientes para extrair uma mensagem da Escritura, repassando-a aos seus ouvintes. CAEMMERER, Richard R. *Pregando em nome da Igreja*; [traduzido por] Rony Marquardt. – Porto Alegre: Concórdia, 2002. p. 64.

⁴ Sobre isto, Kuchenbecker comenta “o trabalho com os surdos numa congregação de ouvintes”. KUCHENBECKER, Klaus Ernesto; GAEDE NETO, Rodolfo. Escola Superior de Teologia - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. *O trabalho com pessoas surdas numa congregação de ouvintes*. São Leopoldo-RS, 2006. p. 120.

⁵ KUCHENBECKER, 2006, p. 128.

Assim, buscamos neste trabalho atentar para questões como inserção e integração de pessoas surdas no culto, bem como suas formas diversas de exclusão. O estudo indica indícios de que as mídias se tornam desafiadoras para quem proclama a Palavra de Deus, bem como a necessidade de uma homilética cristã em LIBRAS para pessoas surdas na esfera contemporânea de culto cristão.

O texto organiza-se em três seções. Na primeira delas, traz-se algumas considerações históricas e atuais sobre homilética cristã. Na sequência, se discute a exclusão da pessoa surda em alguns episódios da história. Em seguida, aborda-se sobre algumas possibilidades de homilética cristã para surdos na contemporaneidade. Por fim, faz-se as considerações finais.

Homilética cristã: algumas considerações históricas e atuais

Segundo Luiz Carlos Ramos, a homilética cristã é entendida como uma vertente que cuida da ciência e da arte da pregação de sermões religiosos cristãos.⁶ Embora esta variante teológica se preocupe somente com os conteúdos fundamentados a partir da Palavra de Deus,⁷ ela deve abordar assuntos diversos (inclusive para ampliar o seu conhecimento).

Para John Albert Broadus, “a pregação é a verdade divina expressa por uma personalidade escolhida para atender às necessidades humanas”.⁸ Nisto, da ideia de uma pregação para os necessitados, este pensamento de Broadus pode ser usado como espelho para a criação de uma pregação para surdos, ou pregação para os necessitados.

Sem reservas em considerar, a homilética é cristã num sentido que abarca a ideia de Cristo, ou melhor, concentra-se nas questões do Reino de Deus.⁹ Desse modo, acredita-se que a homilética é a realização do sermão, apoiado num conjunto de elementos que juntos contribuem para a realização desse discurso. Teoria e prática andando sempre lado a lado no processo de estudo dos conceitos e práxis da homilética.

⁶ RAMOS, 2012, p. 25.

⁷ “A Palavra de Deus é a fonte singular para a pregação bíblica. A prédica evangélica alimenta-se, baseia-se, origina-se, inspira-se e motiva-se na Palavra de Deus [...]” REIFLER, Hans Ulrich. *Pregação ao alcance de todos*. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 27.

⁸ “Preaching is divine truth voiced by a chosen personality to meet human need” - BROADUS, John Albert. *On the Preparation and Delivery of Sermons*. 1 ed. Published in San Francisco: Harper e Row, Publishers, 1979. p. 3.

⁹ Since Christian preaching has such importance, it is necessary to understand its nature. What is Christian preaching? In the New Testament, preaching is the proclamation of glad tidings. It is a person receiving a message from God and sharing that message with other people. - Como a pregação cristã tem tanta importância, é necessário compreender sua natureza. O que é pregação cristã? No Novo Testamento, a pregação é a proclamação das boas-novas. É uma pessoa que recebe uma mensagem de Deus e compartilha essa mensagem com outras pessoas (BROADUS, 1979, p. 2).

É a percepção do cotidiano, do mundo real. É o que diz Kirst: “[...] não servem apenas os grandes problemas da humanidade. É importante registrar, observar, refletir também os acontecimentos pequenos do dia a dia e relacioná-los com a mensagem bíblica”.¹⁰

Ao liberar sentimentos e emoções, o contato com a realidade colabora por criar as ideias e rabiscos a partir das Sagradas Escrituras.¹¹ É como se a ligação com o real servisse como fonte de inspiração para se compreender os textos bíblicos. Essa leitura da realidade certamente propõe uma conexão com a história, evidenciando o passado na memória. Isto exige do pregador um contínuo aprendizado.¹²

E como todo bom aprendizado precisa-se de um bom mestre que ensine as ordens de uma boa pregação, elas podem muito bem serem tiradas dos ensinamentos de Jesus. Por exemplo, o evangelho de Lucas 4.18-19, relata com propriedade Jesus pregando a Palavra de Deus em Nazaré. Ali, o objetivo de sua mensagem não abrangia somente os salvos, mas os perdidos da casa de Israel: “o Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor”. Ou seja, o pregador deve, assim como Jesus, pregar aos pobres, aos cativos, aos cegos, aos oprimidos, mas muito mais aos surdos.

Ele deve estar em constante consagração, explica Robert Coleman: “Através da atuação do mesmo Espírito de Deus é que alguém pode ser purificado pela Palavra, ficando separado para o santo serviço de Deus (ver João 15:3; 17:17; conf. Efésios 5:26)”.¹³ É somente por intermédio do Espírito de Deus que alguém é habilitado a cumprir a sua missão de pregador.¹⁴ E Jesus compreendia isso desde o começo, ao declarar que sua obra só seria completa se estivesse em cooperação com o dom do “Espírito de Deus”. Por isso a sua pregação foi fundamental para o povo. Pois aonde havia o Espírito de Deus, ali haveria uma pregação sem máculas e sem ruídos.

E são os ruídos que impedem a mensagem cristã de ser “imaculada” para o mundo hoje (século XXI). É a insatisfação da pessoa surda, que em alguns casos, por falta de uma homilética em LIBRAS, acaba gerando descontentamento com o culto. E partindo desse pressuposto da

¹⁰ KIRST, 2012, p. 114.

¹¹ “Entra em cogitação tudo o que alegra ou sobrecarrega o cotidiano: uma notícia no jornal ou na TV, fragmentos de conversa, comentários sobre alguma pessoa, desconfiança no escritório ou na fábrica, irritação ante as peculiaridades de um companheiro de trabalho, problema com a educação dos filhos, acontecimentos na vizinhança, atitudes com que outros tentam vencer suas dificuldades”. KIRST, 2012, p. 114.

¹² Broadus lista seis requisitos necessários para que o homilista se torne um pregador eficaz (3. Continuação de aprendizagem). Segundo ele, o pregador deve ampliar os seus conhecimentos, cultivando o seu espírito e a sua mente. Isso requer deste pregador autodisciplina, como o controle de si mesmo. BROADUS, 1979, p. 15.

¹³ COLEMAN, Robert. *Plano Mestre de Evangelismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 1964. p. 54.

¹⁴ Uma vez que Jesus não mais vive entre nós, mas ressurreto como primeiro, transferiu de uma vez por todas a sua missão redentora, entregando-a à igreja.

insatisfação da pessoa surda, daquilo que é causado pelo “mundo intoxicado¹⁵”, este ensaio define os ruídos como sendo as “facções de vermes”. São os fatores midiáticos dessa imensa sociedade da informação mencionados por Adam.¹⁶

Para Guy Debord estes ruídos emergem sobre os púlpitos das comunidades cristã e entre aqueles que ouvem, ou não o sermão, desvirtuando o dom da persuasão da homilética. E as mídias aceleram a mensagem cristã no mundo hoje, fazendo daquele que opera a mensagem, um mero produto da sociedade do espetáculo¹⁷, onde as mídias podem apodrecer a essência e o conteúdo da mensagem.

São os ruídos que surgem ou sobre os púlpitos, ou entre as bocas caladas e ouvidos que ouvem: imagens, símbolos e ideias abstratas (isso se a mensagem não for entendida por algum ouvinte). E certamente sempre haverá as mídias infiltradas no processo da pregação atual.

E as mídias se tornam desafiadoras para quem prega a Palavra que é Cristo. São os elementos midiáticos (chamados hoje de leitores digitais) que se sobrepõem em muito os livros tradicionais, pois se tornou um hábito hoje ler textos bíblicos em aparelhos digitais. Isso tem prejudicado não somente a liturgia do culto cristão, mas acima de tudo, manifesta-se como “ruídos” entre o pregador e o ouvinte. E isso não acaba sendo bom para a comunidade cristã, principalmente num ambiente onde haja pessoas especiais, como os surdos.

O ideal seria usar esses avanços tecnológicos para benefício da vida, não para deturpá-la. Carregar os oprimidos e marginalizados para dentro do rio da esperança (Cristo) por meio dos aplicativos e redes sociais (entre outros), muito usados nesse início de século XXI, como instrumentos de pregação e evangelização, seria contribuir para o crescimento do corpo da igreja.

Já que a intenção do pregador ou pregadora é persuadir a pessoa surda com um sermão que tenha conteúdo, levando-a ao nível crítico, e a discernir entre o bem e o mal, o resultado será a redenção ao amor de Deus. Mas para isso, ele precisa estar habilitado com o melhor do conhecimento, cheio de graça e Espírito para a práxis da homilética. Será a arte da pregação, aquilo que poderá ser pregado sem “larvas e doenças”, sem *ruídos*, como cura para os ouvidos daqueles que não ouvem.

¹⁵ Ver, por exemplo, o artigo de Júlio Cesar Adam, no qual, ele afirma que a sociedade da informação tem gerado uma situação de crise e de mal-estar nas igrejas evangélicas históricas. ADAM, Júlio Cesar. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.53, n.1. 2013.

¹⁶ Reconhecendo, no entanto, a quantidade e a velocidade das informações na sociedade hodierna, cabe estabelecer a diferença entre informação e conhecimento. Conhecer é mais do que obter as informações. Conhecer significa trabalhar as informações. Ou seja, analisar, organizar, identificar suas fontes, estabelecer as diferenças destas na produção da informação, contextualizar, relacionar as informações e a organização da sociedade, como são utilizadas para perpetuar a desigualdade social (PIMENTA, 2002, p. 99-100).

¹⁷ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

E sobre isto, Mauro Batista de Souza consegue distinguir com propósitos didáticos, características da Homilética contemporânea sem fazer uso de julgamento. E uma dessas características é a ideia de que não existem métodos bons e ruins no processo da prédica, para ele, “todo método homilético tem seu valor, pois o resultado final, aquilo que a prédica faz, não depende somente das pessoas – depende de Deus acima de tudo”¹⁸. E isto é o que mais importa para se ter uma homilética de inclusão para pessoas surdas, a presença do Espírito de Deus na pregação.

A exclusão da pessoa surda em alguns episódios da história¹⁹

Torna-se cognoscível a ideia de exclusão da pessoa surda no contexto social e religioso, visto que até mesmo a história concebida como memória, acabou por excluir o surdo, terminando por invalidar sua existência como pessoa diferente, chegando à conclusão de que não poderiam ser diferentes, muito menos “humanos”. É o que comenta Oliveira, ressaltando ainda que pessoas surdas desde o início da civilização eram “entendidas como ‘não humanas’, seres desqualificados e inferiores e que, por isso, deveriam ser eliminadas”.²⁰

A decisão do Concílio Vaticano II abriu à sociedade moderna, oportunidade da humanidade olhar pra o mundo dos enfermos e começar a perceber que, o sofrimento modifica a dimensão da vida, mas não elimina a missão comum do evangelho que chama a todos para serem solidários com os mais fracos. Foi a afirmação da dignidade humana tal como esta é ensinada em Gênesis 1.26 e no Salmo 8.6 (também chamada de teologia da *imago Dei*).²¹

Segundo essa visão do concílio, de que o humano deveria possuir os seus direitos, principalmente a de parecer com Deus, a pessoa humana não deveria ser menosprezada e muito menos, ser excluída do convívio social. Essa concepção reforçava a dignidade humana a todo vapor.

Essa ideia de exclusão do surdo, num contexto do passado, de que ele devia ser eliminado dos meios sociais, não cabe à ideia de inserção defendida por Dutra. Para ele, a inserção é “a introdução ou inclusão de uma coisa ou outra²²”. Porém, não tem o mesmo significado de integração, pois, esta é a “incorporação de um elemento num conjunto”.

¹⁸ SOUZA, Mauro Batista de. *A nova homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v.47, n.1, p.5-24, jun. 2007. p. 5-23.

¹⁹ A intenção desta seção não é tratar a pessoa surda em toda a história, mas, apenas de apontar alguns casos de exclusão dos surdos, em pequenos fragmentos que possam exemplificar o caso de amparo e desamparo do surdo pela sociedade.

²⁰ OLIVEIRA, Liliene Assumpção de. *Fundamentos Históricos, Biológicos e Legais da Surdez*. Curitiba: IESDE Brasil, 2011. p. 29.

²¹ Comissão Teológica Internacional. *Tradução de Civiltá Cattolica*, IV, p. 254-286, 06 de novembro de 2004.

²² DUTRA, Luiz Carlos. *Pastoral da inclusão: pessoas com deficiência na comunidade cristã*. São Paulo, SP: Loyola, 2005. p. 17.

Em outras palavras, da ideia de inclusão, a sociedade com todos os seus mecanismos humanos e materiais, e com todas as pessoas com deficiência (surdez), procurariam por todos os meios de adaptar-se mutuamente. Porém, isso não seria nada fácil. Essa ideia de inclusão para a sociedade que se tem hoje, isso vale para o Brasil, seria um esforço unilateral, já que é perceptível a desigualdade social.

Já nas histórias da Bíblia, a ideia de inserção e exclusão sempre estiveram ligadas à pessoa surda. No Antigo Testamento por exemplo, em especial, Êxodo 4.11, há uma exposição teológica que nos explica a vontade de Deus de incluir socialmente o surdo na comunidade israelita: “Respondeu-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o quem vê, ou o cego? Não sou eu o Senhor?”

E esse amparo não só provinha de *Yahweh*, o Deus da Bíblia. A história extra bíblica também menciona algo sobre os surdos, de sua inclusão. Foi Sócrates que, em 360 anos a.C, declarou consideravelmente importante os surdos. Ele foi uma das vozes importantes que mostrou uma possibilidade de outro caminho para os surdos (de se comunicarem por gestos e imagens). Em seu comentário no Crátilo de Platão, declarou:

Se não tivéssemos voz nem língua, mas apesar disso desejássemos manifestar coisas uns para os outros, não deveríamos, como as pessoas que hoje são mudas, nos empenhar em indicar o significado pelas mãos, cabeça e outras partes do corpo?²³

Já no Novo Testamento, também é visto sinais de uma eventual ‘inclusão’. A passagem de Marcos 7.31-37, relata a cura efetuada por Jesus a um surdo e gago. Essa postura de Jesus, portanto, indica atos de inserção em favor dos menos favorecidos. Mostra o Jesus dos debilitados. Contudo, esse caso isolado não encerrava o elemento *exclusão* desse contexto sociocultural, que na sua maioria, predominava.

Era a exclusão, que desde os tempos mais remotos, encarcerava coercitivamente o humano frágil e debilitado. Foi a ideia de aprisionar, de ser indiferente, que caracterizou a forma exclusiva da sociedade de ouvintes do passado, de como jogavam para escanteio o surdo que só queria viver como um ser normal. Sobre isto, afirma Liliane Assumpção: “E não sendo ‘Semelhante a Deus’, os portadores de deficiência ou imperfeições eram postos à margem da sociedade”.²⁴

E sobre estes dois conceitos de inserção e exclusão, este trabalho teve à seguinte conclusão: do primeiro, pensa-se que a comunidade cristã deve lançar mãos dessa proposta, pois o processo inclusivo requer o esforço conjunto da pessoa surda e da comunidade. Já o segundo, no

²³ SACKS, 1990, p. 31.

²⁴ OLIVEIRA, 2011, p. 30.

entanto, exige certa capacitação ou adaptação por parte do surdo, bem como da sociedade, que em nenhum momento, medirá esforços para ajudar esse deficiente.

Homilética cristã para surdos

Nesta seção, é proposta, a possibilidade de uma homilética cristã em LIBRAS para surdos na contemporaneidade. Será a homilética que absolverá, os princípios de inserção da pessoa surda, de modo a situá-la da melhor maneira possível, numa comunidade cristã, para assim, melhor compreendê-la na sua importância.

E à princípio, se pergunta: o que é a pessoa surda? Segundo a Lei nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, em que tem a LIBRAS decretada e oficializada no contexto de Brasil, a pessoa surda é considerada da seguinte maneira:

Art. 2º. Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.²⁵

E o que é pessoa com deficiência auditiva, de acordo com a lei do Brasil?

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.²⁶

Chama-se pessoa surda (ou surdo) àquela que é portadora de surdez e que possui uma identidade, uma cultura, uma história e uma língua próprios. Mais do que um documento importante, para a sociologia, a identidade é o compartilhar de várias ideias e ideais de um grupo (pode-se dizer da pessoa surda). E é através da comunicação espaço-visual, como meio de conhecer o mundo, que a pessoa surda se difere dos ouvintes.

Já a surdez, consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. De acordo com os diferentes graus de perda da audição, existem vários tipos de pessoas com surdez.²⁷ Em outras palavras, são pessoas mais que especiais (vale ressaltar ainda que, a intenção desta seção não

²⁵ BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23, dez.2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 09 jan. 2016.

²⁶ BRASIL, 2005.

²⁷ LIMA, Daisy Collet de Araújo. Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez. 4. ed. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal; Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. p. 19-20.

é enfatizar a frequência, níveis e nem os tipos de pessoas surdas, mas, apenas responder o que é a pessoa surda).

São pessoas (ou grupos de pessoas) que usam a Língua de Sinais (LS) como primeiro meio de comunicação, possuindo cultura e características próprias. Elas estão em quase todos os lugares, principalmente em instituições religiosas (igrejas, grupos de oração ou em comunidades cristãs).

No Brasil, eles são detentores da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Língua considerada uma variação da Língua de Sinais, sendo esta de origem francesa.²⁸ E por se verem muitas vezes em comunidades cristãs, não conseguem em muitos casos, durante os rituais de culto, absorverem a mensagem que está sendo pregada. Por isso mesmo, este artigo pensou em apresentar uma homilética cristã na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como possibilidade vislumbrada pelos surdos. Sendo assim, como pregar aos surdos na idade contemporânea (ou num culto cristão)? Através da Libras.

Kuchenbecker pergunta e logo responde: “como oferecer a LIBRAS? Através do intérprete”.²⁹ É isso mesmo. Nem sempre haverá um intérprete profissional numa comunidade, mas é bom que tenha. Isso deverá ser tratado com toda a comunidade, para decidirem sobre um intérprete. Nisto, o intérprete deverá ser compromissado com a causa do surdo, bem como as suas dificuldades no momento do culto. Ele deverá ser cuidadoso e compreensivo.

Antes de tudo, até mesmo de uma homilética para surdos, será importante destacar a pessoa do surdo, sem esquecer de situá-lo em diferentes lugares, principalmente onde acontece o culto. Por exemplo, situar o surdo na rua, na casa ou na comunidade (cristã), lugares onde ele tem tentado buscar desenvolver o seu ofício em culto.

Primeiro é importante ressaltar que, para o surdo, no que tange o culto cristão, tudo é novo. E aproveitando aqui a ideia de inserção, a LIBRAS facilitará a inclusão da pessoa surda neste culto. E ainda, vale pensar a respeito de um culto onde todos estarão reunidos, tanto surdos e ouvintes, levando em consideração outros fatores como: a “comunicação voluntária dos surdos”, “maior concentração e atenção visual no pregador ou pregadora”, entre outros aspectos.

Desse modo, afirma Kuchenbecker que, “a atenção e concentração visual que os surdos devem ter é infinitamente maior do que no caso dos ouvintes”.³⁰ E caso haja algum tipo de impasse durante a pregação, ele deverá ser equilibrado ou efetuado pelo pregador ou pregadora, como profissional em LIBRAS (ou intérprete), que manterá a ordem sem prejudicar o culto e a receptividade da comunidade quanto à mensagem.

²⁸ Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais. Disponível em <<http://www.feneis.br/>>. Acesso em 28 jul. 2017.

²⁹ KUCHENBECKER, 2006, p. 114.

³⁰ KUCHENBECKER, 2006, p. 143.

O ponto de partida da homilética contemporânea é exatamente o ouvinte. Mas, contudo, onde fica o surdo? Quais as contribuições desta homilética para os surdos? Essas questões são levantadas sempre que, avistando os problemas emergentes, estão relacionados a pessoa surda. São transtornos inusitados que decorrem, quando surgem, de um estreitamento entre ouvinte e surdo, no sentido de uma aproximação entre eles (os problemas que este artigo se refere, são discriminações e intolerâncias vitimadas pelo surdo).

A homilética em Libras não poderá fazer distinção entre pessoas “normais” e pessoas “não normais”. É o que Hoch diz: “se em Cristo *todos* os membros constituem um só corpo, então não se poderá distinguir tanto entre membros ‘normais’ e ‘não normais’”³¹ Ela servirá para “espiritualizar e comprometer-se” com a comunidade em geral. Através dela, pessoas poderão se comunicar através da Libras, serão levadas a participarem do culto litúrgico: “mas levando-as à participação ativa, confiamos a elas alguma função litúrgica”.³²

Existe ainda, no culto, a dificuldade que o surdo tem de entender a prédica. Isto decorre do desconhecimento que o pregador tem da LIBRAS. Neste momento, o surdo permanece no culto, mas não compreende nada do que a prédica tem a lhe oferecer, pois esta pregação sem os aparatos necessários que sirvam de mediação entre o homilista e o receptor (surdo), não lhe proporcionará nada. Exceto *representações da realidade*. Nisto, será tarefa da Língua Brasileira de Sinais libertar o surdo do silêncio da alma, salvá-lo da mudez do espírito.

A convivência entre ouvintes e surdos num mesmo ambiente de culto, afirma Kuchenbecker, permitirá o compartilhamento da Palavra pregada, bem como do amor fraternal. Ele diz: “Compartilhar é permitir que o surdo aprenda e participe de tudo, porém, efetivamente consciente”.³³ Logo, o surdo precisa sentir-se bem acolhido por todos na comunidade, deve estar bem à vontade para compartilhar de suas histórias, tramas, situações concretas.³⁴

Tudo isto será dever da homilética em LIBRAS, compactuar o tempo, o espaço e a prédica às limitações do surdo. Para isso, afirma Ramos que,

A prédica deverá também se preocupar com a sensibilização ética de todo o corpo humano: suas dores e prazeres, suas dúvidas e interesses; tratar com respeito e consideração a emoção e o sentimento humanos.³⁵

³¹ HOCH, Lothar Carlos. *Em busca de espaço – o deficiente na igreja e na sociedade*. In: Proclamar Libertação – Auxílios Homiléticos. Vol. 12, São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 34-44.

³² DUTRA, 2005, p. 31.

³³ KUCHENBECKER, 2006, p. 114.

³⁴ KILPP, Nelson. *Espiritualidade e Compromisso: dez razões para... orar; praticar a justiça; cuidar da criação; escolher o outro; compartilhar*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 59-78.

³⁵ RAMOS, 2012, p. 254.

A homilética em LIBRAS hoje tem o objetivo de suscitar na pessoa surda o interesse pela vida real, dá oportunidades a este indivíduo de pensar suas ideias, de desenvolver suas curiosidades epistemológicas e levá-lo a chegar às suas próprias conclusões.³⁶ No entanto, surge aquilo que em muitos casos impede a prédica de ser objetiva, o inusitado! Entra em cena a musicalidade com seus instrumentos, projetores que projetam a imagem espetacular, pessoas andando de um lado para o outro. Esse inusitado é chamado de *show business*. Já Debord vai chamar de “era do aparecer”.

O pregador ou pregadora, irá controlar a tecnologia, evitar a microfonia (caso utilize microfone), tirar o excesso de barulho (pois o barulho interromperá a comunicação direcionada ao público, causando transtorno no culto, e conseqüentemente, tirará a atenção dos surdos)³⁷.

A forma da prédica deve estar bem acessível tanto ao pregador ou pregadora, quanto para a pessoa surda. Nas relações de surdos e ouvintes, o homileta deverá buscar recursos que viabilizem a inserção dos surdos no culto, de forma a dificultar, contudo, o surgimento do produto/mensagem (esse produto/mensagem se trata do resultado da homilética espetacular, que segundo Ramos, se resume no *show business*). Logo, o pregador ou a pregadora, deverão operar os meios de comunicação de forma a superá-los, sem que esse processo de manuseio prejudique o público, e principalmente, os surdos na hora da receptividade da prédica.

Sobre estas e para estas adaptações, para qualquer que seja o ambiente favorecido, Sasaki afirma:

A inclusão social, portanto, é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos (espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliário e meios de transporte) e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também do próprio portador de necessidades especiais.³⁸

Usando o conceito de Sasaki sobre inclusão num ambiente de culto, o meio de viabilização da mensagem carecerá de um formato indutivo, dialogal, sugestivo e sensível. Neste caso, a Língua Brasileira de Sinais sugere o melhor mecanismo linguístico para a perfeita comunicação entre pregador ou pregadora e pessoas surdas.

³⁶ Cf. Freire, “Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto” (FREIRE, 1996. p. 13).

³⁷ Por definição, barulho é a ausência de silêncio; é um ruído ou som acústico perceptível aos ouvidos. Para a cultura surda, todavia, o barulho e o silêncio adquirem novas versões. Em uma conversa com um colega surdo, pude compreender um pouco essa noção a partir da perspectiva surda. Relatou-me que quando está em uma comunidade com/entre surdos, e se todos estão usando sinais ao mesmo tempo, tem a sensação de “barulho” muito grande, afinal, diz ele, “ouço com os olhos”, e o mesmo também procede quando está em uma multidão de ouvintes que falam a língua oral. O “barulho”, neste último caso, é perceptível à visão do surdo através da dinâmica dos objetos e das pessoas, manifestada, por exemplo, em forma de movimento, conversas paralelas, risos, expressões facial, corporal e manual.

³⁸ SASSAKI, R.K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997. p. 42.

Porque uma língua de sinais para surdos num culto cristão? A Língua de Sinais é a língua usada pela maioria dos Surdos, sendo, portanto, a principal força que une a comunidade Surda. É o elemento de comunicação entre seus membros. Por isso mesmo, ela poderá se tornar o principal meio de inserção de surdos na comunidade cristã e o meio mais importante para adaptá-los no seu contexto.

Ela, a língua de sinais, pode alcançar muito mais pessoas do que a comunicação verbal (incluindo os recursos tecnológicos). Ela abarca todos os elementos imagéticos reproduzidos pelo meio corporal e também reproduzidos pelo meio tecnológico comunicacional. E dentre esta riqueza chamada língua de sinais, pode-se encontrar a LIBRAS, tornando-se uma das melhores opções, para o trabalho de surdos num culto, pois ela aborda segundo Choi, o conceito de *pantomima*³⁹.

A pantomima busca usar o corpo como modo de expressar o conhecimento adquirido através da interpretação do texto, revela o nível de aprendizado do surdo, e torna-se o referencial para os surdos do mundo inteiro. Assim, por meio do uso da pantomima, surdos de lugares diferentes são capazes de se comunicarem melhor do que os ouvintes que falam diferentes línguas orais.

Na homilética em libras proposta por este artigo, o pregador ou a pregadora, será o interprete da narrativa bíblica e não será visto como autoridade que fala por Deus, especialista em Bíblia só porque conhece mais. De modo que, os surdos se sentirão iguais a todos na espera da mensagem. E caso o pregador ou a pregadora procure ser autoridade que fala por Deus, estará abrindo caminho para a exclusão de pessoas.

Para haver a inclusão de pessoas surdas num culto, o pregador ou a pregadora deverá ser um testemunho (a) do texto bíblico, contará à comunidade o que viu, ouviu, sentiu durante seu encontro com o texto. Sendo assim, estará contribuindo para a inserção do surdo na igreja, de forma a preparar no ambiente ritualístico, uma atmosfera de paz e harmonia entre ouvintes e surdos.

O presente texto traz à lembrança o conceito de integração de pessoas deficientes e reitera, com base nesta afirmação, que é preciso o pregador ou a pregadora ser um elemento inclusivo. Que seja capaz, de acordo com Dutra, de integrar os debilitados à comunidade, sabendo que, de alguma forma, algumas pessoas com deficiência procurarão se adaptar à comunidade como ela é.

O pregador ou a pregadora verá a pessoa surda como uma aliada no processo de formatação do culto, mesmo que esse surdo seja novo convertido ao evangelho, deverá estar consciente de que ele é importante para a comunidade. Nessa perspectiva, na hora da pregação, o

³⁹ A pantomima consiste em usar o corpo e os gestos para se expressar (CHOI, 2011. p. 3).

surdo será o ponto de partida da homilética cristã, será presença ativa no culto e será visto como pessoa participante nas decisões e conclusões da comunidade.

Considerações finais

Ao apresentar a possibilidade de uma homilética vislumbrada por pessoas surdas na contemporaneidade, o presente artigo tentou na sua imparcialidade, compreender a importância do surdo, dando-lhe à atenção devida (promulgar uma homilética em Libras). Com isso, entendemos que há uma distinção entre inclusão e integração, onde o primeiro se encaixa mais no conceito de incluir o surdo na comunidade, já o segundo, torna a inclusão não concretizada em sua plenitude, facilitando mais a ideia de exclusão.

Depois de analisar de forma sucinta a pessoa surda em alguns episódios da história, de forma a relacioná-lo com os elementos de inserção, integração e exclusão, observou-se que essas pessoas ao longo da história tiveram em tese, amparadas pelas leis, mas isso de modo parcial, pois mesmo tendo tais garantias, foram marginalizadas pela ignorância e intolerância dos ouvintes. No entanto, entre o início do século I até a Modernidade, os surdos foram na sua maioria excluída do contexto social e religioso pela máquina opressora eclesiástica religiosa cristã.

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que no Brasil haja 9,7 milhões de pessoas surdas, o que representa 5,1% da população brasileira. No campo religioso, observa-se que em muitas igrejas cristãs, a inclusão de pessoas surdas ainda se dá de forma muito lenta e tímida. Talvez essa questão seja consequência de alguns fatores como, por exemplo, pela falta de informação das lideranças eclesiásticas a respeito da cultura surda, bem como por falta de qualificação e habilidades em Libras, o que poderia ajudar de forma significativas pessoas necessidades especiais.

Compreendemos que o pregador ou a pregadora, diante da sociedade do espetáculo, opera as máquinas e as mídias de forma a superá-las. Suas habilidades devem estar em conformidade com os avanços tecnológicos, sem que a pessoa (surda e ouvinte) se sinta prejudicada na hora da receptividade da pregação.

Referências

ADAM, Júlio Cesar. *Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v.53, n.1. 2013.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23, dez.2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 09 jan. 2016.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Demográfico 2010*. Disponível em:<ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf>. Acesso em: Acesso em: 30 jun. 2017.

BROADUS, John Albert. *On the Preparation and Delivery of Sermons*. 1 ed. Published in San Francisco: Harper e Row, Publishers, 1979.

CAEMMERER, Richard R. Pregando em nome da Igreja; [traduzido por] Rony Marquardt. – Porto Alegre: Concórdia, 2002.

COLEMAN, Robert. *Plano Mestre de Evangelismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 1964.

Comissão Teológica Internacional. *Tradução de Civiltá Cattolica*, IV, p. 254-286, 06 de novembro de 2004.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DUTRA, Luiz Carlos. *Pastoral da inclusão: pessoas com deficiência na comunidade cristã*. São Paulo, SP: Loyola, 2005.

Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). *LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais*. Disponível em: <http://www.feneis.br/>. Acesso em: 28 jul. 2017.

HOCH, Lothar Carlos. *Em busca de espaço – o deficiente na igreja e na sociedade*. In: Proclamar Libertação – Auxílios Homiléticos. Vol. 12, São Leopoldo: Sinodal, 1986.

KILPP, Nelson. *Espiritualidade e Compromisso: dez razões para... orar; praticar a justiça; cuidar da criação; escolher o outro; compartilhar*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

KIRST, Nelson. *Rudimentos da Homilética*. 6. ed. revisada. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

KUCHENBECKER, Klaus Ernesto; GAEDE NETO, Rodolfo. Escola Superior de Teologia - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. *O trabalho com pessoas surdas numa congregação de ouvintes*. São Leopoldo-RS, 2006.

LIMA, Daisy Collet de Araújo. Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez. 4. ed. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal; Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

OLIVEIRA, Liliane Assumpção de. *Fundamentos Históricos, Biológicos e Legais da Surdez*. Curitiba: IESDE Brasilas, 2011.

RAMOS, Luiz Carlos. *A pregação na idade média: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2012.

REIFLER, Hans Ulrich. *Pregação ao alcance de todos*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

SASSAKI, R.K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SOUZA, Mauro Batista de. *A nova homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v.47, n.1, p.5-24, jun. 2007.